



**ENAN  
PUR 2023**  
Belém 22 a 26 de maio



## Pandemia e Cidade: desnudando as desigualdades do “novo” normal

**FERRAZ, Sonia M. T.**

Universidade Federal Fluminense; Profa. Dra.do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo

**LEITE, Larissa D. C.**

Universidade Federal Fluminense;Graduanda em Arquitetura e Urbanismo; Bolsista PIBIC FAPERJ

**BRAGA, Luíza C.**

Universidade Federal Fluminense; Graduanda em Arquitetura e Urbanismo; Bolsista PIBIC CNPQ/ UFF

### Sessão Temática 10: Crise Sanitária e reestruturação urbana

**Resumo.** A proposta neste texto é colocar em discussão o legado de regressão civilizatória que a pandemia nos deixou, com o agravamento profundo das desigualdades, matando quase 700 mil pessoas no Brasil. As matérias, fotos e manchetes jornalísticas nos mostram o desenho estupefacente materializado pelas novas formas de esvaziar cidades e de morar e não morar, em mais de dois anos. Assim, as rajadas diárias de imagens e notícias, tornam o profundo empobrecimento contemporâneo como que amalgamado à pandemia. Em contraposição à multiplicação dos lucros empresariais e o enriquecimento de uma “casta” econômica, que transformou as mazelas da pandemia em negócios e em espaços de exacerbação do seu isolamento, as políticas de abandono em todas as áreas da sobrevivência multiplicaram os sem-teto e famintos, acentuando, de forma inédita, a desigualdade econômica e social, esgarçando e redesenhando os espaços urbanos regulados por uma ordem privada e pela consolidação de uma sociabilidade urbana excludente.

*Palavras-chave:* pandemia; desigualdade; auto-enclausuramento; sem-teto; redesenho urbano.

### Pandemic and City: uncovering the inequalities of the "new" normal

**Abstract.** The proposal in this text is to discuss the legacy of civilizing regression that the pandemic left us with, the profound worsening of inequalities, killing almost 700 thousand people in Brazil. The articles, photos and journalistic headlines show us the terrifying design materialized by new ways of emptying cities and of living and not living, in more than two years. Thus, the daily bursts of images and news, make the profound contemporary as if amalgamated to the pandemic. In contrast to the multiplication of business profits and the enrichment of an economic “caste”, which turned the woes of the pandemic into business and spaces for exacerbating its isolation, abandonment policies in all areas of survival multiplied the homeless and hungry, accentuating, in an unprecedented way, fraying and redesigning urban spaces regulated by a private order and the consolidation of an excluding urban sociability.

*Keywords:* pandemic; inequality; self-enclosure; homeless; redesigning urban.

### Pandemia y Ciudad: descubriendo las desigualdades de la "nueva" normalidad

**Resumen.** La propuesta en este texto es discutir el legado de regresión civilizatoria que nos dejó la pandemia, con el profundo agravamiento de las desigualdades, matando a casi 700 mil personas en Brasil. Los artículos, fotos y titulares periodísticos nos muestran el diseño aterrador materializado por las nuevas formas de vaciar las ciudades y de vivir y no vivir, en más de dos años. Así, las ráfagas diarias de imágenes y noticias, hacen que el profundo empobrecimiento contemporáneo se estuviera amalgamado con la pandemia. En contraposición a la multiplicación de los lucros empresariales y el enriquecimiento de una “casta” económica, que transformó los males de la pandemia en negocios y en espacios de exacerbamiento de su aislamiento, las políticas de abandono en todas las áreas de la supervivencia

*multiplicaron el número de personas sin hogar y hambrientas, acentuando, de manera inédita, la desigualdad económica y social, deshinchando y rediseñando los espacios urbanos regulados por un orden privado y la consolidación de una sociabilidad urbana excluyente.*

*Palabras clave: pandemia; desigualdad; auto-encerramiento; sin hogar; rediseño urbano.*

## 1. Introdução

“...a acumulação de riqueza num polo é, ao mesmo tempo, a acumulação de miséria, o suplício do trabalho, a escravidão, a ignorância, a brutalização e a degradação moral no polo oposto” (Marx, 1996, p. 264).

A proposta neste texto é desenvolver um novo desdobramento da pesquisa “Arquitetura da Violência: Regulações de uma ordem privada e consolidação de uma sociabilidade urbana excludente”<sup>1</sup> iniciada em 2000, que tem acumulado um acervo de mídia e imagens, o qual se oferece para uma permanente releitura relacionando novas análises e reflexões.

Em sequência às análises de discurso midiático referentes às políticas públicas de combate à violência nas favelas cariocas, nas últimas décadas do século XX, que criminalizavam de forma geral a população favelada, em 2000 a pesquisa foi orientada para a investigação das relações entre a crescente violência, noticiada diariamente pela mídia em geral, e a consequente procura por segurança urbana e patrimonial. Nos maiores centros urbanos nacionais, como o Rio de Janeiro e São Paulo, um vasto e crescente mercado de artefatos e serviços de segurança “redesenham” um novo padrão funcional e formal de arquitetura das habitações de alta renda. As sucessivas análises permitiram identificar registros que apontavam para a redução da sociabilidade no meio urbano e o permanente aumento da “sensação” de medo, alimentando o crescente e rentável mercado de segurança privada, alterando simbolicamente a paisagem das cidades, reproduzindo aprisionamentos e confinamentos residenciais. Em 2015 orientamos nossas observações e pesquisas para o aumento das desigualdades econômicas e sociais refletidas no aumento da ocupação das cidades pelos sem-teto e pela arquitetura antimendigo inaugurada na década de 1990, com os chuveirinhos sob as soleiras das lojas e conectados a cronômetros com programação aleatória.

As intervenções, com artefatos impeditivos da ocupação e permanência dessa população, nos vãos livres nas áreas nobres, foram multiplicadas no mundo inteiro como estratégia para a revalorização dos espaços urbanos, como expressão da aporofobia e a consequente gentrificação. Desde março de 2020, a crise econômica que gerou, antes de tudo, a crise sanitária provocada pela pandemia de Covid-19, aprofundou as desigualdades nas cidades, apontando a necessidade de reforçar os encaminhamentos desta pesquisa. Em contraposição à multiplicação dos lucros empresariais e o enriquecimento parasítico de uma “casta” econômica, que transformou as mazelas da pandemia em negócios e investimentos em espaços de exacerbação do seu isolamento, as políticas de abandono em todas as áreas da sobrevivência multiplicaram os sem-teto e famintos, acentuando, de forma inédita, a desigualdade econômica e social, esgarçando e redesenhando os espaços urbanos ocupados pela miséria.

Na elaboração deste texto, revisitamos a produção da pesquisa desde 2000, incorporando partes das análises nelas contidas, na medida em que trazem elementos fundamentais para as reflexões comparativas sobre o presente.

Buscamos a colaboração de diversos autores, que trazem reflexões para a leitura e compreensão da contemporaneidade. Procuramos diferentes contribuições, para melhor embasar uma análise crítica e iluminar possíveis práticas de resistência e de transformação. Trata-se, portanto, de contribuir para um debate recorrente sobre as oposições econômicas e sociais, cuja radicalização

---

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida na Universidade Federal Fluminense, com o apoio financeiro da FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, desde 2000.

e contradições são expressas pela conjuntura urbana adversa, composta pela exacerbação do auto enclausuramento das elites e pela absoluta falta de abrigo dos miseráveis. A ideia é, portanto, oferecer um suporte crítico reflexivo, para quem estuda e trabalha a cidade.

Embasamos as análises tendo como suporte material as notícias jornalísticas, importantes fontes de relatos sobre os acontecimentos cotidianos e contemporâneos, mesmo considerando as limitações que o discurso jornalístico nos impõe, seja pela manipulação ideológica, pela superficialidade, supressão de informações, ou pela naturalização dos fenômenos sociais excludentes. Analisaremos prioritariamente a Folha de São Paulo - FSP e O Globo - O GL, para ilustrar a realidade emergida nas cidades durante a pandemia, que se encontra nas linhas, entrelinhas e imagens das matérias, para compará-las fenomenicamente com momentos distintos de crises globais e locais. Estas análises, dada a temporalidade do evento Epidemia de Covid 19, são datadas entre março de 2020 e novembro de 2022.

Os clippings jornalísticos como fontes revelaram um quadro nefasto de desigualdades cada vez mais presentes em nossa sociedade. O aumento da fome e miséria estão expressos nos maiores veículos midiáticos do país. O conjunto de matérias revelava também como o Covid-19 permanecia no nosso dia a dia, mesmo que praticamente velado, como se extinto. Apresentamos, em anexo, um conjunto de clippings de matérias jornalísticas datadas no período de agosto a novembro de 2022, quando o vírus retornou ao noticiário, tendo como foco as notícias relacionadas à fome, miséria.

As notícias nos apontaram, também, que nem toda forma de segurança tem a mesma prioridade. Enquanto a segurança patrimonial é requisitada por poderosos das elites econômicas, a garantia da segurança sanitária pública é constantemente negligenciada. Em ambos os casos, os que mais sofrem são os pobres e miseráveis.

Nesses momentos, em geral, as cidades assumem centralidade nos debates que envolvem a cotidianidade. Neste momento, em particular, as diferenças noticiosas dos relatos, das intensidades e aparências dos eventos, nos ajudam a perceber a abrangência da perversidade e ajudam também a buscar as subjacências do fenômeno que aparece como exceção no processo de acumulação e exclusão capitalista.

Por exemplo, o que afirmou Assman, em 1994, mantém estreita relação de similaridade com o momento presente e, portanto, ajuda a perceber que vivemos um aprofundamento das desigualdades e não uma novidade:

“na atual conjuntura, o fato maior é sem dúvida, o cruel predomínio de uma férrea lógica de exclusão, o clima de indiferença anti-solidária que a sustenta e, em decorrência, o fato de que uma imensa ‘massa sobrando’ de seres humanos descartáveis tenha passado a viver como lixo da história” (ASSMAN, 1994)<sup>1</sup>.

A charge de Angeli (2013, pag 63) se torna aqui uma excelente ilustração do que significa a férrea lógica de exclusão de uma imensa massa de seres humanos sobrando e descartáveis, como apontou Assman acima:



**Figura 1.** Charge de Angeli (fonte: Lixo da história, 2013).

Na mesma direção reflexiva, Antunes<sup>2</sup>, em março de 2021, afirmava que, enquanto a pandemia, já matara quase 700 mil brasileiros, ela proporcionava ao capital um verdadeiro laboratório de experimentações envolvendo a classe trabalhadora, exacerbando a miséria. Exacerbou também a concentração de renda, que é dependente do empobrecimento permanente da classe trabalhadora.

As afirmações dos autores acima reforçam a ideia de que não consideramos estar trazendo uma novidade, quando falamos do aumento das desigualdades nas cidades, dos conflitos de classes, da concentração perversa de renda e do empobrecimento e precarização dos trabalhadores durante a crise pandêmica. É intenção trazer, de forma comparativa dados das últimas décadas, de modo que exponha a pandemia, como aponta Antunes, como grande tragédia que, não inaugurou, mas, “desnudou perversidades do capital contra os trabalhadores”, no mundo e no Brasil.

Esse panorama foi potencializado pelos discursos de ódio brotados durante o governo do período entre 2019 a 2022, como uma nova soberania de um poder obscurantista e conservador que, em última análise, lançava mão de estratégias de enfrentamento social simbolizadoras dos agudos conflitos que lhe são intrínsecos e consolidava a gestão perversa dos chamados “indesejáveis”, com severa e cruel segregação social, econômica e espacial, marcada pelo medo e pela violência.

Os denominados “indesejáveis” seriam, portanto, os indivíduos miseráveis que, durante tantas décadas, já ocupavam as calçadas das cidades, tendo como realidade a luta por sobrevivência diária e, também, os que integraram esse grupo, durante a crise pandêmica, e que chegaram à esta situação após perderem tudo.

A segregação social tem se desdobrado em um tipo de ocupação privada do espaço público, com a instalação nas calçadas de um crescente número de pessoas sem-teto, promovendo a inversão de valores essenciais da moradia, da rua e da cidade, na medida em que a casa - moradia é o espaço privilegiado da privacidade e a rua é, eminentemente, o espaço da visibilidade. Segundo Bachelard, a casa é abrigo e espaço privilegiado dos valores da intimidade, de proteção, de segurança, de privacidade, de memórias e de lembranças. Por excelência, a casa é o lugar da vida privada. A rua, por sua vez, da vida pública.

"Expulsos dos espaços privados do mercado imobiliário, os sem-teto ocupam os espaços públicos, mas sua presença na paisagem urbana é contestada com fúria. Sua visibilidade é constantemente apagada por esforços institucionais de removê-los para outros lugares - para abrigos, para fora dos prédios e parques, para bairros pobres, para fora da cidade, e em direção a outros espaços marginais." (Smith, 2000, p. 135).

De acordo com Manuel Delgado, vivenciar o espaço público é passar pela constante experiência da desfiliação. Como exemplo, recorreremos à matéria publicada pelo Jornal do Brasil de 09 de março de 1997, intitulada “Enfermeira vira sem-teto”, que segundo ela mesma: está na rua, mas,

não é da rua. Uma enfermeira, com segundo grau completo perde, no discurso jornalístico, o seu estatuto profissional, na medida em que perde o emprego e a casa. O território de instalação da “ex” enfermeira, passa a dar suporte à produção de uma filiação coletiva para todos aqueles que com ela dividem, por contingências, a calçada.



**Figura 2.** Enfermeira vira sem-teto (fonte: Jornal do Brasil, 15/03/1997).

A maioria dos usuários das cidades caminha pelas ruas, sem que haja uma filiação imediata a determinado grupo, interesse ou posicionamento. Suas identidades não são reveladas, a não ser que seja esta a sua vontade. No entanto, a única parcela da população que vivencia a experiência de desfiliação instantânea, pela territorialização, é a dos sem- teto.

“A “rua” [espaço público] como território de instalação e permanência, passa a ser o lugar de enunciação dessa população, ao mesmo tempo como vítima e ameaça. Mais ameaça do que vítima, já que sobrevive, adjetivada como perturbadora e transgressora, dada a sua apropriação privada do espaço público.” (Ferraz et Amadei, 2014).

Assim como os moradores das favelas são criminalizados nos discursos dominantes, como já citado acima, a população sem teto é também criminalizada a partir de seu estigma de “perturbadores” e “transgressores”, os engessando em determinada filiação.

## 2. O isolamento como estratégia de segurança

A potencialização das desigualdades, a designação corriqueira dos sem-teto como “classe perigosa” - com filiação criminalizante - lhes atribui, como natural, parte significativa da violência e do medo nas cidades<sup>3</sup>. Como bem explicita o título da matéria publicada pelo Jornal Campo Grande News, em 23/02/2014: “Aumento do número de moradores de rua reflete a criminalidade da Capital”.

O medo da violência passa a justificar, então, a procura por segurança urbana e patrimonial a qualquer custo que, como já apontado, tem “redesenhado” novo padrão funcional e formal de arquitetura das habitações de alta renda.

No trecho de entrevista a Nelson Ascher, o escritor Hans M. Enzensberger, afirmou:

“A segurança, ela é provavelmente o mais precário de todos os bens de luxo. Na medida em que o Estado não pode garanti-la, cresce a demanda privada e os preços disparam. Guarda-costas,



serviços de vigilância, dispositivos de alarme, tudo que promete segurança integra hoje o estilo de vida dos privilegiados, e o ramo pode contar, no futuro, com altas taxas de crescimento” (1997, Folha de São Paulo. Caderno Mais!, p. 5-7.)

Assim é moldado, então, o estilo de vida dos privilegiados, impresso em suas casas - seu tesouro, que expressa, pelos altos muros e variados equipamentos e artefatos de proteção, a sua repulsa pelo outro.

Como exemplo de repulsa que extrapola os muros, a condecoração, em 2006, de Dora Arbex, uma aposentada do Rio de Janeiro, que atirou em um sem-teto. A condecoração com a medalha Pedro Ernesto revela, tanto a repulsa aporofóbica, que traz na sua existência a ideia de que o extermínio da miséria se dá pelo extermínio dos miseráveis, quanto a cumplicidade e desumanidade na aprovação dos parlamentares que lhe outorgaram a medalha:

“Ném, Alexandre Pereira, morador de rua, vivia na Senador Vergueiro desde criança passando por várias dificuldades. Recentemente, no dia 9 de outubro de 2006, foi baleado em sua mão pela aposentada Maria Dora Arbex, ficando gravemente ferido. A versão da mídia parcial e mentirosa fala sobre um ladrão que foi baleado por uma senhora ao tentar assaltá-la, mas moradores do bairro afirmam que Ném não é um assaltante e testemunhas garantem que ele teria apenas ido pedir dinheiro. Dora, que de acordo com a legislação, deveria ser punida por porte ilegal de arma e por praticar agressão, não pegou nenhuma pena e ainda foi condecorada pelo vereador Carlos Bolsonaro (PP) com uma medalha. A aposentada foi aplaudida por um discurso desumano onde dizia: “O certo é botar essa mendigada num navio e jogar longe” e ainda declarou à imprensa, comparando moradores de rua com lixo: “Ocuparam os morros, agora tomaram as calçadas... Se o prefeito não limpa a cidade, eu vou limpar nem que seja com balde d’água!” Enquanto isso Ném está preso mostrando que para a elite e o governo, pobre quando toma tiro é porque é ladrão, e rico quando dá tiro é porque tem razão.” (NOVAES, Henrique. CMI, 04/11/2006).

Em outro exemplo, a equiparação dada por Cesar Maia, quando prefeito do RJ, em 2001, aos animais e aos sem-teto, como registrado pela FSP, na extração abaixo. A sua declaração revela a presença do Estado na disseminação da aporofobia, quando qualifica os sem-teto como bichos e sujeira, o que sugere uma aparente autorização antecipada para Dora fazer o que fez e dizer o que disse em 2006, Dora sintetiza uma filiação dos privilegiados.



Figura 3. Maia “limpa” as ruas de sem-teto e animais (fonte: Folha de São Paulo, 2001).

Este cenário de pobreza e miséria é transformado ideologicamente na razão dos medos nas outras classes, que se enclausuram em guetos voluntários e empurram, segregam, os pobres para guetos verdadeiros.

Os guetos voluntários têm sido sistematicamente oferecidos pela publicidade imobiliária. Algumas extrações publicitárias de condomínios expressavam o auto enclausuramento das elites, já na década de 1990, com apelos publicitários relacionados à liberdade, segurança, solvência e modernidade, sustentados pelo discurso do medo da violência. Sem dúvida o condomínio dá à

cidade aspectos e conformações que acentuam o simbolismo dos conflitos de classes. Os novos padrões de moradia da alta renda, nos maiores centros urbanos nacionais, já chamavam a atenção pelos modelos de implantação condominial e pela quantidade e qualidade dos elementos e equipamentos de proteção patrimonial: grades, muros, câmeras, cercas elétricas e guaritas.

Alguns exemplos de publicidades e manchetes jornalísticas no período entre 1993 e 2014, a seguir, revelam como as estratégias de isolamento e segurança patrimonial sempre estiveram associadas à concentração de renda, quando oferecem apartamentos de luxo, localizados em áreas nobres - longe das favelas, com fechaduras de ouro, aproximando a casa de um tesouro. Toda essa segurança pode funcionar, ainda, como elemento de valorização imobiliária: “quanto mais seguro, mais caro”.



**Figura 4.** Matéria jornalística do Caderno Imóveis, sobre apartamento de luxo (fonte: Folha de São Paulo, 1993).



**Figura 5.** “Depois da instalação das grades nos prédios, moradores da Avenida Vieira Souto, em Ipanema, RJ, afastam o perigo dos assaltos e as crianças podem brincar com segurança.” (fonte: Jornal do Brasil, 1993).



**Figura 6.** A segurança é utilizada como chamariz de vendas pelo mercado imobiliário, sendo divulgada através de veículos midiáticos, é dada uma equivalência entre LAZER, SEGURANÇA e CONFORTO TOTAL (fontes: Jornal do Brasil, 1993, Folha de São Paulo, 2002 e O Globo, 2007).

Abaixo, na figura 7, As casas representam uma forma de arquitetura que isola seus usuários do restante do mundo, ao trazer fachadas sem aberturas para rua, muros altos e grades. Esta “tendência” de voltar a casa para dentro, aparece claramente no projeto de Marcio Kogan (figura 8), onde o conceito de “olhar para dentro”, segundo a matéria, “incorpora pátios internos como forma de trazer luz e intimidade à construção, isolando-a do entorno por altos muros, sendo ainda desprovida de aberturas, para proporcionar, em tese, maior segurança aos moradores”.





**Figura 7.** Casa voltadas para dentro no bairro Alto de Pinheiros, em São Paulo (fonte: Acervo do grupo da pesquisa, 2001).



**Figura 8.** Projeto de Marcio Kogan (fonte: Revista AU – junho de 2007)

A sequência abaixo (figuras 9 e 10), expõe diversos elementos de segurança patrimonial já citados acima, como muros extremamente altos, grades pontiagudas, guaritas, avanço sobre o espaço público, câmeras e portão duplo - doublesafe.



**Figura 9.** À esquerda no bairro do Morumbi, em São Paulo, cuja altura do muro pode ser estimada pela altura do portão. À direita no bairro São Domingos, em Niterói (RJ), que, pelo aspecto



agressivo, parece similar a uma catapulta. Segundo a proprietária, a ideia era mesmo desestimular quem tivesse a intenção de assaltar (fonte: Acervo do grupo da pesquisa, 2001 e 2003).



**Figura 10.** As imagens acima trazem diversas estratégias de segurança como gradeamento, guaritas, monitoramento de câmeras e muros altos (fonte: Acervo do grupo da pesquisa: 2001, 2004 e 2008).



**Figura 11.** Rua Miguel Lemos, Copacabana, nº 8, área nobre RJ, em dois momentos: em 2001, com o gradeamento sobre o limite do terreno e 2014, com apropriação privada do espaço público, avançando significativamente a grade sobre o calçadão da praia de Copacabana (fonte: Acervo do grupo da pesquisa, 2001 e 2014).

Essa forma de ocupação exposta acima, na figura 11, contradiz, na essência, o que afirma Delgado:

Como conceito político, espaço público se supõe que queira dizer esfera de coexistência pacífica e harmoniosa do heterogêneo da sociedade, evidência de que o que nos permite fazer sociedade é que nos ponhamos de acordo em um conjunto de postulados pragmáticos no senso dos quais as diferenças se vêm superadas sem deixá-las esquecidas nem negadas, mas sim definidas a parte nesse outro cenário ao qual chamamos privado.” (DELGADO, Manuel, 2011, p. 20).

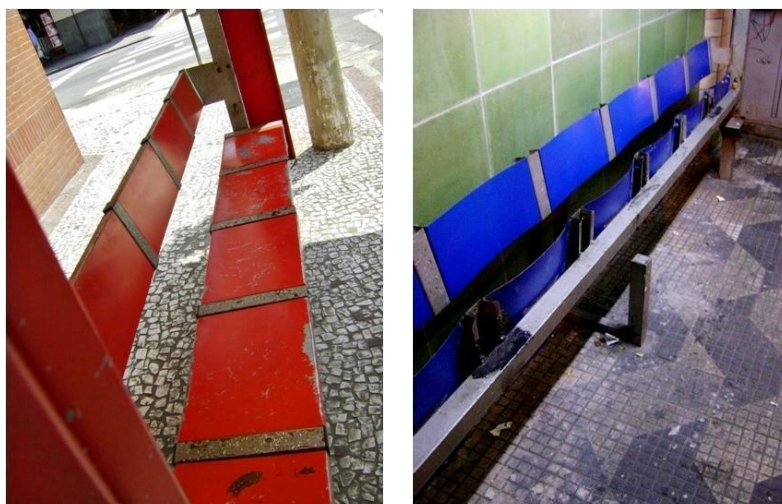
Um dos emblemáticos condomínios fechados de alta renda, no Rio de Janeiro, datado de 1980, é o Rio 2 (figura 12), projetado pelo escritório Carvalho Hosken, evidenciando como o isolamento procurado hoje, não é novidade e foi sim exacerbado com o passar dos anos. Com 600 mil m<sup>2</sup> de ocupação, é considerado um bairro planejado e oferece comodidades como comércio, restaurantes, farmácias, supermercados, escolas e, é claro, segurança e monitoramento 24 horas

por dia. Assim, não precisar “sair de casa para nada”, como o ideal, se torna realidade. As imagens abaixo mostram a entrada principal, com guarita, cancelas e monitoramento de câmeras e a entrada de uma das escolas.



**Figura 12.** Condomínio Rio 2, localizado na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro (fonte: Consultado em 12/12/2022: <https://www.carvalhohosken.com.br/bairros-planejados/rio-2/>)

Não bastasse todo o auto enclausuramento e os avanços sobre o espaço público, a hegemonia sobre o uso dos espaços é revelada, ainda, quando as políticas públicas aporofóbicas, deixam claro quem pode ou não pode ocupar determinados espaços nas cidades, mesmo que públicos. Como exemplo, a arquitetura antimendigo, como a prática de expulsar os sem-teto das cidades, através de diversas estratégias e artefatos, como transformações no mobiliário urbano, ao introduzir divisórias nos bancos para impedir que alguém deite e durma, bancos fechados à noite, espetos sobre soleiras, pedras que são colocadas sob os viadutos, a construção de edificações sem marquise e, até mesmo, a instalação de irrigadores no chão das calçadas (“chuveirinho” antimendigo), impedindo que a população sem-teto se aproxime.



**Figura 13.** Ponto de ônibus em São Paulo, que fica aberto durante o dia e fechado à noite, impedindo que durmam sobre ele (fotógrafo: Jonas Delecave, 2009).





**Figura 14.** À esquerda espetos sobre caixa de luz, em São Paulo, no centro hastes sobre mureta de edifício residencial, em Salvador, à direita gradil sob jardineira, em Niterói (RJ), todos para evitar que sem-teto ocupam para dormir (fonte: Acervo do grupo da pesquisa, 2004, 2001 e 2007).



**Figura 15.** À esquerda, espetos antimendigos, na soleira externa da casa, em Niterói (RJ). À direita, banco antimendigo, ondulado impedindo que alguém se deite (fonte: Acervo do grupo da pesquisa, 2010 e 2014).



**Figura 16.** À esquerda, pedras colocadas sob viaduto, no Rio de Janeiro. À direita, Padre Júlio Lancelloti quebrando pedras sob viaduto em São Paulo, em protesto contra este tipo de “arquitetura hostil” (fontes: O GLOBO, 2022 e Reprodução/Instagram, 2022).

A ação do padre chamou de fato a atenção, a ponto de impulsionar a aprovação pela Câmara dos Deputados, no dia 24/11/2022, da Lei Padre Júlio Lancelotti, contra a arquitetura que foi denominada como hostil. A nova lei proíbe a instalação de estacas e pedras que dificultem o acesso de idosos e população sem-teto. Em 13/12/2022, o projeto de Lei foi vetado pelo Presidente da República. No dia 16/12/2022, o congresso derrubou este veto.

### 3. Pandemia e Moradia: o tesouro

Durante a pandemia, mas não exatamente por causa dela, como afirmam os discursos dominantes, o enclausuramento e os tesouros dos ricos foram potencializados pela aquisição de bunkers e de ilhas paradisíacas.

Sem constrangimento, no ano de 2021, o sujeito então conhecido como o mais rico do Brasil, Jorge Paulo Lemann, declarou que: “O que eu gosto mais é que toda crise é cheia de oportunidades”.

#### **Bilionários podem escapar de desastres globais em bunkers luxuosos**

Um abrigo subterrâneo com piscinas cobertas, cinemas e academias é o local perfeito para passar o período de isolamento social



#### **Procura por bunkers luxuosos cresce 2000% na pandemia**



**Figura 17.** À esquerda, bunker com piscinas e academias para manter a forma. À direita, o aumento da procura por esse tipo de moradia (fontes: Revista Casa e Jardim, 2020 e Forbes, 2021).

O desejo de segurança, a partir de março de 2020, incorporou o medo da contaminação à aporofobia corrente, gerando, assim, mais medo do “outro”. Esse medo justificava a culpabilização das classes mais pobres por, supostamente, potencializarem a propagação do vírus, intensificando, cada vez mais, as estratégias de isolamento da classe média e das elites, tendo como novo propósito a prevenção da contaminação do vírus. Dessa forma, essas estratégias passaram a ser justificadas e aceitas socialmente, mesmo quando amplamente utilizadas.

Se, de um lado, o medo da contaminação justificava o isolamento habitacional excessivo e conspicuo das elites, de outro lado, o medo da crescente miserabilidade imposta às classes empobrecidas e aturdidas, mostrava o papel ideológico da construção do “medo” para o controle social pelas elites, como aponta Galeano: “Os que trabalham têm medo de perder o trabalho; os que não trabalham, têm medo de nunca encontrar trabalho; quando não têm medo da fome têm medo da comida...” (1999. p. 83.)

Em 2021, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) afirma que apenas 1% dos mais ricos ganhavam 38,4% vezes mais renda do que os 50% mais pobres. Dessa forma, o enriquecimento das classes sociais mais abastadas, que ocorreu de forma avassaladora durante a pandemia, pode ser considerado verdadeiramente “parasítico”.



Ao longo da pandemia, o quadro descrito no item anterior se agravou ainda mais, aprofundando a oposição de classes. Em janeiro de 2022, a OXFAM<sup>4</sup> (Comitê de Oxford para Alívio da Fome) divulgou que, no período, o mundo ganhou um novo bilionário a cada 26 horas. Outro relatório da OXFAM<sup>5</sup> revela que, desde março de 2020, quando a pandemia foi declarada, o país ganhou 10 novos bilionários e o aumento da sua riqueza foi de 30% (US \$39,6 bilhões), enquanto 90% da população teve uma redução de 0,2% entre 2019 e 2021. Os 20 maiores bilionários do país têm mais riqueza (US \$121 bilhões) do que 128 milhões de brasileiros - 60% da população.

Muitos discursos, faziam acreditar na ideia dominante de que a pandemia não poderia parar a economia. Os argumentos, tinham o sentido de fazer acreditar que as classes mais pobres, trabalhadoras, seriam prejudicadas e/ou responsáveis pela queda econômica caso se subordinassem à ordem “fique em casa!”, como que transformando as vítimas em culpados. A população rica e super rica, que ascendeu de forma notável no período pandêmico pôde, assim, investir em formas extremamente valiosas e conspícuas de “precaução” contra o vírus. Investimentos estes, que permitiram seu isolamento definitivo em bunkers de luxo, habitações subterrâneas.. Em outubro de 2020 os jornais já informavam que, durante a pandemia, “ricos ficaram mais ricos, em metade das regiões metropolitanas do Brasil”<sup>6</sup>. A procura por bunkers de luxo aumentou em 2000%<sup>7</sup>, para garantir o seu isolamento sanitário. No mesmo período, o mercado de venda de ilhas já havia disparado e já sobrecarregava corretores imobiliários. Novas formas de morar passaram a ser oferecidas pelo mercado de alta renda. Por exemplo, a moradia “por assinatura” mirando investidores: “Vamos mudar de casa como quem muda de canal”.

#### Bunkers milionários: o novo jeito de escapar da pandemia



24/03/2020

#### Pandemia fortalece tendência de hospedagem em vilas e casas de luxo



01/01/2022

**Figura 18.** À esquerda, bunker de luxo é vendido como forma de “escapar” da pandemia. À direita, o aumento da procura por moradia de luxo isolada (fontes: Terravivos, 2020 e UOL Notícias, 2022).

#### Cresce a oferta de aluguel de ilhas paradisíacas

A espição, para além da beleza: a privacidade e a sensação de segurança contra o vírus

Por Alexandre Doncelhi | Atualizado em 9 dez 2020, 10h45 - Publicado em 13 nov 2020, 06h00



01/12/2020

#### Interesse por ilhas privadas cresce durante a pandemia



21/01/2022

**Figura 19.** Durante a pandemia, o mercado de ilhas privadas é aquecido (fontes: Veja, 2020 e O Globo, 2022).

As edificações subterrâneas foram transformadas em residências suntuosas e luxuosas, como nas figuras 18 e 19 acima. Alguns dos projetos mais recentes proporcionam detalhes como piscina, academia e bar privativos.

O conjunto de figuras apresentado expressa a extrema privacidade e o luxo de classe, que alimenta o seu TESOURO. Tesouro porque é a representação do seu triunfo e riqueza.

#### 4. Pandemia e Moradia: empobrecimento nas calçadas

A partir do recorte histórico apresentado, consideramos ser possível perceber que as cidades têm sido, de maneira enfática, desenhadas pelo medo calcado no conflito de classes, o que resulta em segregação social/espacial, divide esses usuários em dois pólos, como afirma Marx. As crises são, sistematicamente, oportunidades para o aprofundamento da desigualdade estrutural nas sociedades e cidades capitalistas, que foram perversamente aprofundadas com o neoliberalismo.

Boaventura de Souza Santos afirma, em seu recente livro, que “O Futuro Começa Agora”, que o século XXI estaria, expressivamente, começando com a pandemia. Ela trouxe mudanças radicais ao cotidiano das pessoas e das cidades. Muitos comportamentos mudaram, mas não sabemos por quanto tempo. O autor afirma que “[...] o vírus agravou cruelmente as desigualdades e as discriminações de que são feitas as sociedades contemporâneas” (2021, p. 18) e o capitalismo fez o de sempre: transformou essa tragédia em negócios. Uma tragédia que aumentou os privilégios das classes dominantes e as carências das classes populares.

Assim, o autor rompe o amalgamento que imperou nos discursos dominantes em geral, a partir de março de 2020, operando uma relação que parecia indissociável entre a crise pandêmica e o empobrecimento devastador da população.

Em 2019, segundo dados do Global Wealth Report<sup>8</sup>, o percentual de milionários, no Brasil, aumentou em 19,35% em relação ao ano anterior. Em contrapartida, no mesmo ano, segundo o IBGE, o percentual de famílias brasileiras vivendo na linha da pobreza chegava a 24,7% e 6,5% viviam em extrema pobreza.

A partir de 2020, milhares de famílias perderam os empregos, a renda e as condições financeiras para pagar aluguel. Foram, assim, empurradas para uma desumana situação de miséria e desalento gerada pela crise humanitária que devastou o mundo. Segundo os números da campanha “Despejo Zero”<sup>9</sup>, ação nacional com apoio internacional, que foi responsável por auxiliar dezenas de famílias pelo país durante a pandemia de coronavírus, divulgada em 2021, o Brasil somava, em outubro deste ano, 123,2 mil famílias ameaçadas de despejo, um crescimento de 32% em relação ao levantamento anterior, datado em agosto de 2020, quando 93,5 mil famílias estavam sob risco.

Em março do mesmo ano, anunciada a palavra de ordem “fique em casa”, para quem tinha e para quem não tinha casa, uma parcela da população isolou-se como forma de proteção do vírus, enquanto muitos viram as calçadas das cidades como sua única e tradicional alternativa de instalação para a sobrevivência. Tradicional, porque como aponta Martins, em seu livro Livres acampamentos da miséria:

“ao final da década de 1980, a utilização de espaços ociosos e do vão de viadutos como locais de moradia assinalava muito bem o agravamento dos problemas habitacionais nas cidades, o que foi certamente provocado pela recessão econômica da década de 1970, quando nasceram as cidades globais como espaços de realização da economia neoliberal.” (MARTINS, 1993 p.37)

Desta forma, a invisibilização das populações sem-teto aumentou no período pandêmico, seja pela ojeriza e medo da contaminação, seja pelo afastamento físico real dado pela sua localização em áreas esvaziadas de atividades econômicas em geral, por exemplo, o centro da cidade do Rio de Janeiro, que teve a maior parte do seu comércio fechado com a política de “lockdown”. Durante todo o período este processo se revelou ainda mais cruel, sendo possível identificar, através do

próprio noticiário jornalístico, uma mudança de perfil dessa numerosa população que passou a se instalar nas calçadas dos centros urbanos.

A ocupação indesejada desses centros desnudou a aporofobia existente, trazendo a ideia de que não há nada além de perigo nesses espaços, o que propicia o lançamento de políticas de promoção de “limpeza social”. Raquel Rolnik discorre, em seu livro “São Paulo - O planejamento da desigualdade” (2022), sobre a constante afirmação de que os centros urbanos estão vazios. Essa ideia é alimentada pelo mercado imobiliário e incentivada pelo Estado, com o intuito de implementar planos e projetos urbanísticos de “revitalização”. Projetos estes, que, na realidade, têm como principal objetivo modificar o perfil e a renda dos moradores dos grandes centros urbanos, elitizando ambos, deixando cada vez menos espaço e possibilidades para os que estão em completo desalento, como revela o texto de Sergio Vaz<sup>10</sup>:

“As calçadas  
duras e frias da cidade  
são cobertas por um tipo  
de tapete estranho.  
É tão estranho que a gente pisa,  
mas não vê: gente.”

Nesse processo de esvaziamento das atividades e ocupação das calçadas, torna-se visível a quantidade de pessoas e as alterações nas formas como os “novos” sem-teto se instalam. Assim, novos tipos de instalações passaram a fazer parte do desenho urbano.

Uma série de matérias, fotos jornalísticas e imagens retratam este cenário. Como exemplo, na figura 20 abaixo, o casal Glaucielle Martine e Almir Marques se encontra sem-teto na capital paulista, desde 2021. Em fevereiro de 2022, o jornal “Brasil de Fato” divulgou dados da prefeitura de São Paulo que confirmam o aumento desta população na cidade, e divulgou, também, entrevistas com alguns deles, que se enquadram no novo perfil dado durante a pandemia: sem condições de pagar o aluguel viram, como única alternativa, a mesma de milhares de pessoas - a rua. Glaucielle relata a cruel realidade: “Enquanto estava R\$ 1,00 o quilo do papelão, a gente conseguia pagar o quarto. Aí o papelão caiu para R\$ 0,40. Ou pagava aluguel, ou comia”. Assim se instalaram em barracas, ao lado de tantos outros que chegavam à rua.

## Famílias, barracas e recém-desempregados: cresce novo perfil em situação de rua na pandemia

"Nunca imaginei", diz ex-motorista de aplicativo que vive com a esposa na Sé, entre ações do "rapa" e busca por emprego

Gabriela Moncau e Pedro Stropasolas  
Brasil de Fato | São Paulo (SP) | 09 de Fevereiro de 2022 às 07:40



09/02/2022



**Figura 20:** Com receio de que o "rapa" leve seus pertences, Almir e Glaucielle se revezam para cuidar da barraca onde vivem desde setembro de 2021, na praça da Sé, em São Paulo (fonte: Brasil de Fato, 2022).



A comparação abaixo das instalações em um intervalo de aproximadamente 10 e 20 anos, parece revelar que a pandemia não causou essa tragédia da falta de lugar no mundo, só desnudou. Desnudou pela forma como o capitalismo se reorganizou neste período. A sequência das imagens torna evidente o agravamento e a mudança de perfil já citada, pelas diferentes formas de ocupar as calçadas.

Assim, comparando as imagens, é possível perceber uma diferença básica. Em 2012 os sem-teto dormiam nas calçadas, sobre papelões e cobertores; em 2021 os sem-teto trouxeram, de um passado recente, objetos das suas casas perdidas com a perda da renda: passaram a dormir sobre colchões, tapetes, mantendo objetos decorativos, lençóis e travesseiros, como em um quarto privado.



**Figura 21<sup>11</sup>.** À esquerda, sem-teto ocupando rua do centro do Rio de Janeiro. À direita, dois amigos cuidam dos objetos e roupas de cama (fontes: R7, 2012 e O Globo 2021).

Ainda é possível notar outras mudanças na ocupação das calçadas nesses 20 anos, como ilustrado nas imagens abaixo. Se em 2002 a realidade de 2,3 milhões de sem-teto era a dormir sobre latas e papelão, como mencionado anteriormente, sem nenhuma privacidade, pois, seu teto era o viaduto; em 2022, com o uso de barracas, há uma mudança no cenário, com um novo tipo de ocupação, que estabelece uma precária privacidade.



**Figura 22.** Sem-teto ocupando viadutos. À esquerda, sobre lata ou papelão. À direita, Benedito Batista, 55, um dos sem-teto que ocupam o viaduto do Glicério, em São Paulo, notou e mostrou o aumento e a mudança: "...Tem criança, família, tudo. Olha o que era antes e o tantão de gente que está lá hoje!". (fontes: O Globo, 2002 e Folha de São Paulo, 2022).

O uso de barracas de camping já impõe alterações evidentes na paisagem das cidades. As figuras abaixo revelam como esta ocupação recupera parte das referências da casa e da sociabilidade perdida. Os sem-teto da vez trouxeram relógio de parede pousado sobre a barraca, presépio, árvore de Natal, como expressão e referência do "lar" recente. "Aqui tem um clima familiar."



Ninguém usa drogas pesadas, não tem furtos nas barracas. Todo mundo se ajuda: se um vai buscar água, outro varre a calçada, enquanto monta uma árvore de Natal”, conta Adriana Lara da Silva, 45 anos.



### Cidades

#### A vida na barraca: as histórias de quem vive acampado nas ruas da cidade

No início de 2022, um censo promete revelar o crescimento da população de rua na capital; Vejinha mostra os dramas por trás dos números

Por Pedro Cavallari, publicado em 23 dez 2021, 12h37 • Atualizado em 23 dez 2021, 09h00



**Figura 23.** À esquerda, instalação feita por sem-teto, no bairro de Icaraí, em Niterói (RJ). À direita, na Praça da Sé, em São Paulo, diversas barracas azuis e verdes com diversos pertences (fontes: Registro do grupo da pesquisa, 2022 e Veja SP, 2021).

O Brasil entrou em 2021 com mais miseráveis do que na década anterior, tendo cerca de 125 milhões de pessoas vivendo em insegurança alimentar. A FGV (Fundação Getúlio Vargas) Social, em junho de 2022<sup>12</sup>, divulgou um levantamento para elaborar o mapa da pobreza no Brasil. Os dados apresentados indicaram que existiam quase 63 milhões de pessoas que viviam em domicílios com renda mensal per capita inferior a R\$ 497,00, enquanto 33 milhões de domicílios viviam com renda mensal per capita inferior a R\$ 289,00, o que inviabilizava até a compra de uma cesta básica.

Em 2020 e 2021, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea<sup>13</sup>), os números estimados da população sem-teto foram, respectivamente, 214.451 e 232.147. Já em 2022, o país seguiu crescendo no número de miseráveis, alcançando a marca de mais de 280 mil abaixo da linha de pobreza.

## 5. Conclusão

Como já apontado, o panorama apresentado revela dois polos de sobrevivência econômica diferentes e dependentes: ricos mais ricos e pobres mais pobres. Ricos mais ricos porque os pobres ficaram mais pobres. Pobres ficaram mais pobres porque os ricos ficaram mais ricos.

A nossa constatação do redesenho urbano e habitacional resultante da Pandemia está apresentada, assim como suas supostas subjacências econômicas e sociais. Um quadro gravíssimo que nos mostra o quanto ainda há para espoliar das classes trabalhadoras. Nos

paralisou a todos dentro, ou fora de casa. Uns dentro e muitos fora. As feridas causadas pelo fenômeno foram capazes de nos impressionar verdadeiramente com a catástrofe humana sem precedentes por muitas décadas. Mobilizou a generosidade e a solidariedade de muitos para apoiar os que estavam ao relento e os que tinham fome. Uma triste paisagem que fez aflorar valores adormecidos e dar esperança de que um mundo mais humano estaria se aproximando.

Mas, esta catástrofe humana nos legou regressão civilizatória, agravou profundamente as desigualdades, matou quase 700 mil pessoas no Brasil, desregulou a vida de todos.

Nesta conjuntura se processaram novos esquadrinhamentos e novas regulações excludentes nas cidades e atingiram principalmente os mais vulneráveis. As políticas públicas de segurança nas áreas nobres, controlando e expulsando mendigos, miseráveis, sem-teto, com o apoio financeiro de grandes empresários, reafirmaram e aprofundaram a mesma realidade.

As matérias, fotos e manchetes jornalísticas nos mostravam o desenho estarrecedor materializado pelas novas formas de esvaziar cidades e de morar e não morar, naqueles mais de dois anos. Assim, as rajadas diárias de imagens e notícias, tornavam o profundo empobrecimento contemporâneo amalgamado à pandemia. Como se ele pudesse ser superado pela conjuntural responsabilidade e boa vontade de todos. E como se o Estado não tivesse qualquer responsabilidade sobre ele, apesar de suas políticas genocidas durante todo o período.

A presença maciça da população sem-teto nas calçadas, enquanto os muito ricos triunfaram financeiramente, nos fez retornar e refletir sobre as afirmações iniciais de Marx sobre as oposições de classes, para que possamos nos dedicar a encontrar, coletivamente, uma luz no fim do túnel, para que milhares de pessoas, que são ultrajadas e espoliadas todos os dias, em todas as cidades, a cada nova crise não se transformem em lixo da história.

## 6. Referências

- ANGELI, Arnaldo. **O lixo da história**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2013.
- ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: O trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ASCHER, Nelson. **Luxo de onde vem para onde vai**. Folha de São Paulo. Caderno Mais! 1997, pg. 5-7.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo : Nova Cultural, 1988.
- CORTINA, Adela. **Aporofobia, el rechazo al pobre: un desafío para la democracia**. Barcelona: Paidós, 2017.
- DELGADO, Manuel. **El espacio público como ideología**. Madrid: Los libros de la Catarata, 2011.
- FERRAZ, Sonia JORGE, Isabela. Arquitetura da violência: vigilância, proteção & isolamento. In: [EGLER, Tamara]. **Reinvenção da democracia na América Latina**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013. pp. 71-81.
- \_\_\_\_\_ ; CAMPOS, Luis; LIMA, Mayra; ACIOLY, Leticia. Architecture of violence. In: [ALBERT, Abel]. **Gentrification as a Global Strategy**. Abingdon: Routledge, 2017, pp. 210-222
- \_\_\_\_\_ ; MACHADO, Bruno. “Eu não tenho onde morar, é por isso que eu moro na rua. Os “sem-teto”: moradores ou transgressores?”. **Cadernos Metrópole**. São Paulo: Educ, V. 16, N. 32., pp. 609-623.
- \_\_\_\_\_ ; CRUZ, Evelyn; SILVA, Paula. TEMPO DE ÓDIO E DESUMANIZAÇÃO: “Nos tornarmos todos veganos salvará o planeta?”. **VII Seminário Internacional, Direitos Humanos, Violência e Pobreza: a situação de crianças e adolescentes na América Latina**, Montevideú.

\_\_\_\_\_ ; LEITE, Larissa; BRAGA, Luíza. PANDEMIA E MORADIA: TESOUROS E CALÇADAS. **VII Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo.

\_\_\_\_\_ ; FURLONI, Camila; MADEIRA, Camila; CABRAL, Fabiana. “Arquitetura da Violência: Os Custos Sociais da Segurança Privada”. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. São Paulo.

\_\_\_\_\_, **A favela como lugar da Operação Rio (1994/1995)**: discurso jornalístico e dispositivos de enunciação. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 1999.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar**: A escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1999.

MARTINS, A. L. L. **Livres acampamentos da miséria**. Rio de Janeiro, Obra Aberta, 1993.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo**: O planejamento da desigualdade. São Paulo: Fósforo, 2022.

SANTOS, Boaventura de S. **O futuro começa agora**: Da pandemia à utopia. São Paulo: Boitempo, 2021.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SEQUERA, Jorge. **Ciudad, espacio público y gubernamentalidad neoliberal**. Urban. Madrid: Munilla-Lería, NS07 (2014).

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1988.

\_\_\_\_\_. (2000). **Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica**. In: ARANTES, A. (org.). O espaço da diferença. Campinas, Papius.

#### **Jornais diários:**

Folha de São Paulo: diversas edições

O Globo: diversas edições








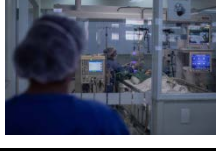
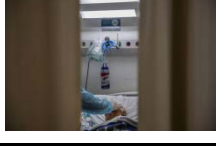
Site G1: diversas edições




## ANEXO

Recorte de clippings jornalísticos, a partir do acervo da pesquisa (fonte: elaborado pelas autoras).

Clippings Jornalísticos						
Título	Jornal	Data	Tema	Caderno	Palavras-chave	Foto
Quantidade de famílias em situação de miséria na cidade de SP cresce 5,52% entre janeiro e abril de 2022, diz Prefeitura.	G1	01/08/2022	Miséria	São Paulo	fome; miséria;	
Auxílio Brasil: programa deixa 8 milhões de fora com critério de renda desatualizado e cadastro difícil	O GL	07/08/2022	Miséria	Economia	fome; miséria; auxílio Brasil	
Brasil tem quase 20 milhões de pessoas em situação de pobreza nas regiões metropolitanas.	O GL	08/08/2022	Miséria	Economia	fome; miséria; auxílio emergencial	
Três em cada 10 famílias brasileiras não conseguem comprar comida em quantidade suficiente, revela pesquisa.	G1	14/09/2022	Fome	Jornal Nacional	fome; auxílio Brasil; insegurança alimentar.	
No Brasil, risco de fome atinge 37% dos lares onde vivem crianças menores de 10 anos.	O GL	14/09/2022	Fome	Economia	fome; miséria; insegurança alimentar.	
SP tem apagão de dados sobre Covid e governo culpa Ministério da Saúde.	FSP	30/09/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19; governo;	
Meses depois, quase metade dos pacientes ainda não se recuperou plenamente da Covid.	FSP	18/10/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19; pacientes	
Testes positivos de Covid voltam a disparar nas farmácias.	FSP	25/10/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19; testes	
Qatar deixará de exigir testes de Covid para visitantes antes da copa.	FSP	27/10/2022	Pandemia	Esporte	pandemia; Covid-19; copa; Qatar	



Brasil registra 119 mortes por Covid, e média móvel segue em alta.	FSP	28/10/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19; mortes	
'Pessoas com sintomas vão à farmácia fazer testes sem máscara', critica David Uip.	FSP	11/11/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19	
Drauzio Varella: 'Paramos muito cedo de usar máscaras em ambientes fechados'.	FSP	11/11/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19; máscara	
Brasil registra 8 mortes por Covid e mais de 5.500 casos da doença.	FSP	14/11/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19; mortes	
O carrossel da Covid entra em outra onda.	FSP	15/11/2022	Pandemia	Colunas e Blogs	pandemia; Covid-19	
A depressão da Covid é real. Aqui está o que você precisa saber.	FSP	17/11/2022	Pandemia	Equilíbrio	pandemia; Covid-19	
Vacina contra Covid para bebês com comorbidade tem baixa procura no 1º dia em SP.	FSP	17/11/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19; vacina	
Brasil registra 61 mortes por Covid-19 e mais de 1.800 casos.	FSP	21/11/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19; mortes	
Brasil registra 159 mortes por Covid-19 e mais de 27,9 mil casos.	FSP	22/11/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19; mortes	
Com alta de casos de Covid, São Paulo restringe tempo de visitas em hospitais.	FSP	23/11/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19; hospital	
Máscara volta a ser obrigatória no ônibus, metrô e trem de SP neste sábado (26).	FSP	26/11/2022	Pandemia	Saúde	pandemia; Covid-19; máscara	

População em situação de rua cresce 38% durante a pandemia e passa de 280 mil, diz Ipea	Extra	08/12/2022	Miséria	Brasil	miséria; Ipea; pandemia	
Fome no Brasil registra aumento de 63% desde 2004.	Poder360	06/08/2022	Fome	-	fome; auxílio Brasil; insegurança alimentar.	
De volta ao Mapa da Fome, prato brasileiro tem ossos e subprodutos.	Economia IG	08/08/2022	Fome	Economia	fome; auxílio Brasil; insegurança alimentar.	

<sup>1</sup>Apud: Enanparq 2022

<sup>2</sup>Aula Inaugural , PUC RJ , Depto. de Serviço Social , disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3vyolif8Kaw>, em 18/03/2021.

<sup>3</sup> Esta designação não é exclusiva dos sem-teto, mas extensiva à toda a população residente em favelas, como se ali não houvesse, na maioria absoluta, “classe trabalhadora”.

<sup>4</sup>Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/um-novo-bilionario-surgiu-a-cada-26-horas-durante-a-pandemia-enquanto-a-desigualdade-contribuiu-para-a-morte-de-uma-pessoa-a-cada-quatro-segundos/>

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/um-novo-bilionario-surgiu-a-cada-26-horas-durante-a-pandemia-enquanto-a-desigualdade-contribuiu-para-a-morte-de-uma-pessoa-a-cada-quatro-segundos/>. Consultado em 21/07/2022

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/mais-pobres-nas-metropoles-perdem-32-da-renda-na-pandemia-e-ricos-3-diz-estudo/>.

<sup>7</sup>Disponível em: <https://forbes.com.br/forbeslife/2020/08/procura-por-bunkers-de-luxo-cresce-2-000/>. Consultado em: 22/07/2022.

<sup>8</sup>Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2019/10/21/numero-de-milionarios-no-brasil-cresceu-1935-em-2019-mostra-relatorio.htm>

<sup>9</sup>Disponível em: <https://18horas.com.br/amazonas/am-milhares-podem-perder-moradias-em-janeiro-diz-campanha-despejo-zero/>; <https://www.campanhadespejozero.org/>

<sup>10</sup>Disponível em: <https://twitter.com/poetasergio/vaz/status/1148206706570223616>. Consultado em 24/07/2022

<sup>11</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj1/video/moradores-de-rua-e-muita-sujeira-sao-flagrados-na-regiao-da-central-do-brasil-2223079.ghtml>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/mapa-nova-pobreza-estudo-revela-296-brasileiros-tem-renda-familiar-inferior-r-497-mensais>

<sup>13</sup>Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/populacao-em-situacao-de-rua-cresce-38-durante-pandemia-passa-de-280-mil-diz-ipea-25624309.html>